

RUA DR. ALVES DO BANHO

Decreto nº 92 de 13-03-1945

Decreto nº 94 de 16-05-1945

Decreto-lei nº 311 de 13-11-1945

Aprovado pela Resolução nº 2.069 de 1945 do Conselho Administrativo

Formada pela rua ou avenida 10 da Vila São Bernardo, rua 8 do Jardim do Trevo e parte da rua 7 do Jardim do Trevo  
 Início na avenida das Amoreiras  
 Término na rua São Luiz do Paraitinga  
 São Bernardo

Obs.: O decreto nº 92/45 foi revogado pelo decreto nº 94/45 e ambos foram assinados pelo Prefeito Municipal, em Comissão, Perseu Leite de Barros. O decreto-lei nº 311/45 foi assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Joaquim de Castro Tibiriçá.

#### DR. ALVES DO BANHO

Antonio Alves do Banho nasceu em São João Del Rei, na então Província de Minas Gerais, em 1834, e faleceu na mesma cidade, em 02-junho-1899. Era filho de Antonio de Assis Alves do Banho e Cândida Júlia Dias do Banho e foi casado com Maria Cândida Magalhães, com quem teve seis filhos e em segundas núpcias, com Matilde Amélia Campos da Paz, com quem teve oito filhos. O dr. Alves do Banho fez seus estudos preparatórios em sua terra natal, matriculando-se depois, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, por onde se formou em 20-dezembro-1853. Formado, transferiu-se para Bananal, neste Estado, onde foi exercer a sua profissão. Em 1877, mudou-se para Itapira, onde pouco tempo permaneceu, visto que em setembro de 1878, já se encontrava exercendo suas atividades médicas em Campinas. O Dr. Alves do Banho era dotado de grande saber, era muito inteligente e possuía agudo espírito de observador, aliados ao seu admirável tino médico. Devido a esses excelentes dotes, era comum ser procurado por seus colegas de profissão, a fim de esclarecer diagnósticos difíceis. Quando o dr. Cassiano Gonzaga dirigia a Santa Casa, ali trabalhou e ambos fizeram intervenções de difícil cirurgia. Durante muitos tempo trabalhou no Hospital dos Variolosos e no Hospital dos Morféticos, sendo que em ambos os estabelecimentos oferecia seus serviços, gratuitamente. Seu grande preparo e sua notória probidade, o faziam constantemente ser designado pelas autoridades policiais para proceder às perícias médico legais. Em 30-setembro-1886, ingressou para o cargo de médico do Matadouro municipal, sendo ele, o primeiro médico oficial dessa repartição. Foi médico-vacinador oficial de Campinas e Delegado de Higiene da cidade, exercido também, sem remuneração. Durante as epidemias de febre amarela sua atuação foi das mais importantes, sendo ele um dos 19 médicos que receberam a "Medalha de Ouro da Febre Amarela". De Campinas mudou-se para o Rio, onde ficou poucos anos e pressentindo que seu fim estava próximo voltou à sua cidade natal, onde faleceu. A sua ação benfazeja e humanitária nos calamitosos dias que a cidade viveu, não pode ser olvidada.



## Decreto-Lei N. 311

## DA DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. 1, do decreto-lei federal n. 1.202, de 5 de abril de 1939,

DECRETA:

Art. 1.º — Passam a denominar-se, pela forma abaixo indicada, as seguintes ruas, avenidas e praças públicas constantes da respectiva planta rubricada pelo Prefeito, a saber:

RUA BARÃO DE PARANAPANEMA — antiga rua conhecida como Estrada da Baronesa, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Dr. Morais Sales e termina na Rua Proença;

RUA LUIZ BALINCOURT — antiga Rua Seis, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SAINT HILAIRE — antiga Rua Cinco, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SILVA MANSO — antiga Rua Quatro, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA TENENTE GONÇALVES MEIRA — antiga Rua Dois, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA BARÃO DE ANHUMAS — antiga Rua Um, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA DIGNA OLÍVIA PENTEADO — antiga rua conhecida como Travessa da Saudade, que começa na Praça Voluntários de 32 e termina na Rua Abolição;

RUA SILVA PONTES — antiga Rua Dois, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina junto à divisa dos terrenos do antigo Hospital de Isolamento;

RUA HIPÓLITO DA SILVA — antiga Rua Um, da Vila Marieta, que começa na Rua Dr. Betim e termina na divisa dos terrenos de propriedade de José Penteado;

RUA MORAIS NAVARRO — antiga Rua Cinco, da Vila Marieta, que começa na Rua Seis, da mesma vila, e termina na rua conhecida como Raulfo Sales;

RUA ALVARO VILAGELIN — antiga Rua Quatro, da Vila Marieta, que começa na Rua Morais Navarro (antiga Rua Cinco), e termina na rua conhecida como Raulfo Sales;

RUA FLORIANO CAMARGO PENTEADO — antiga Rua Cinco, da Chácara Vieira, que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA GENERAL LAURO SOBRE' — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, termina na divisa da mesma chácara;

RUA FRANCISCO DE ASSIS PUPO — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, após uma curva, à esquerda, termina nessa mesma rua;

RUA CADETE JOÃO TEIXEIRA — antiga Rua Quatro, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, abaixo da Rua Joaquim Vilac, e termina na divisa da vila do mesmo nome;

RUA CORONEL JOAQUIM MONTEIRO — antiga Rua Cinco, da Vila Teixeira, que começa na Rua Joaquim Vilac e termina na divisa da mesma vila;

RUA JANUÁRIO DE OLIVEIRA — antiga Rua Dois, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, acima da Rua Cadete João Teixeira (antiga Rua Quatro) e termina na Rua Joaquim Vilac;

RUA MAJOR LUCIANO TEIXEIRA — rua sem denominação, que começa na Rua General Bento Bicudo e, seguindo em direção normal a esta, termina na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Rua do Café;

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel) — antiga Rua Cinquenta e Sete, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Emilio Henking, termina na Rua Circular Quatro, do Jardim Chapadão;

RUA DR. SALVADOR PENTEADO — antiga Rua Cinquenta e Oito, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Padre Camargo Lacerda (antiga Rua Cinquenta e Sete), termina na Rua Rafael Sales;



## Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 2

RUA ESPANHA — antiga Rua Cento e Dez, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Dr. Salvador Pentecostado (antiga Rua Cinquenta e Oito), termina na Rua Alberto Sarmiento;

RUA ITALIA — antiga Rua Cento e Vinte e Nove, do Bonfim, que começa na divisa dos terrenos onde está situada a máquina de algodão de propriedade de Rafael & Cia. e, seguindo paralelamente à Rua Espanha (antiga Rua Cento e Dez), termina na Rua Germânia;

RUA DAS PALMEIRAS — antiga rua conhecida como Travessa Sorocabana, do Bonfim, que começa na Avenida Pedro de Toledo e termina na rua conhecida como Avenida Sorocabana;

AVENIDA FRANCISCO ELISLÁRIO — avenida sem denominação, conhecida como Avenida Sorocabana, do Bonfim, que começa na Rua Pereira Lima, junto à passagem superior da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, seguindo paralelamente à Avenida Governador Pedro de Toledo, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Fábrica João Jorge;

RUA REVERENDO EDUARDO LANE — antiga Rua Cento e Cinco, da Vila Nova, que começa na Rua Carolina Florence e termina na Rua Buarque de Macedo;

RUA CONSELHEIRO ANTONIO PRADO — antiga rua conhecida como Quinta Travessa, da Vila Nova, que começa na rua conhecida como Avenida Maria Lins e, seguindo em direção normal a esta, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Estação da Rádio Difusora de Campinas;

RUA DONA ANA GONZAGA — antiga Rua Setenta e Sete, do Guaranabara, que começa na Rua Paula Bueno e, seguindo em direção normal a esta, termina nas proximidades do Canal do Saneamento;

RUA CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA — antiga Rua Cento e Sete, do Cambuí, que começa na Rua Emilia Ribas, abaixo da Rua Santo Antônio e, seguindo paralelamente a esta, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA COMENDADOR TORLOGO DAUNTRE — antiga Rua Um, da Vila Cambuí, que começa na Rua Barreto Leme e termina na praça de ré-torno;

RUA DOS ALEGRINS — antiga Rua Vinte e Um, que começa na Rua Diogo Prado e, seguindo paralelamente à Rua Santo Antônio, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA CARLOS KAYSER — antiga Travessa A, do arruamento Mário Sidow, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na Rua Maria Monteiro;

RUA LUIZ SILVÉRIO — antiga Rua Sete, da Vila Marieta, que começa na rua conhecida como Ranulfo Sales e termina na Vila Paraíso;

RUA JOÃO EGÍDIO — antiga Rua Dez, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Avenida Washington Luiz;

RUA LEOPOLDO AMARAL — antiga Rua Ranulfo Sales, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Rua Dr. Betim;

RUA PADRE BERNARDO DA SILVA — antiga Rua Um, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA PROFESSOR ADALBERTO NASCIMENTO — antiga Rua Três, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ELIAS LOBO NETO — antiga Rua Cinco, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ARNALDO BARRETO — antiga Rua Sete, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. PINTO FERRAZ — antiga Rua Nove, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. BENIGNO RIBEIRO — antiga Rua Quatorze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório do arruamento;

RUA PAULO LACERDA — Antiga Rua Doze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. ALVES DO BANHO — antiga Rua Dez, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. CASSIANO CONZAGA — antiga Rua Oito, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;



## Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 3

RUA DR. LAS CASAS DOS SANTOS — antiga Rua Seis, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. FRANCISCO POMPEU — antiga Rua Quatro, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA — antiga Avenida Maria Lins, (denominação popular), que começa na Rua Carolina Florence e termina na Avenida Brasil (Estrada dos Amarais);

RUA JOAQUIM GOMES PINTO — antiga Rua Beta, da Vila Progresso, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na praça de retorno;

RUA BERNARDINO DE SENA — antiga Rua Um, da Vila Gagliardi que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA CAPITÃO FELIPE NERI — antiga Rua Dois, da Vila Gagliardi, que começa na Rua Bernardino de Sena e termina na praça de retorno;

RUA PADRE ANTÔNIO JOAQUIM — antiga Travessa Santa Teresinha (denominação popular), que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua Proença;

RUA DONA MARIA UMBELINA COUTO — antigo prolongamento da Rua Tiradentes, que começa na cerca da Companhia Mogiana, em continuação a Rua Tiradentes, e termina na divisa dos terrenos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora;

RUA COMENDADOR QUEKUBIM URIEL — antiga Rua Quatro, do arruamento Buco de Miranda, que começa na Avenida Silva Teles e termina na Avenida Orosimbo Maia;

RUA PADRE JOSÉ TEIXEIRA — a travessa da Vila Maria Ercília, que começa na Rua Barreto Leme e termina na Rua Benjamin Constant;

RUA PEDRO ALVARES CABRAL — antiga Rua Alfa, da Vila Isabel, que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua General Marcondes Salgado;

PRAÇA JOAQUIM TEIXEIRA — a praça formada pela influência da Rua Paula Bueno e Estradas de Anhumas e Mogi-Mirim;

PRAÇA COMENDADOR SOARES — antiga Praça Proença;

RUA IRMÃ ANA JUSTINA — antiga Rua Guedes Barreto (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

RUA CONSELHEIRO GOMIDE — antiga Rua Correia de Lemos (ato de 7 de novembro de 1905);

RUA DONA JOSEFINA SARMENTO — antiga Travessa Maria Monteiro (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

LARGO DAS ANEORINHAS — antiga Praça Heitor Penteado (resolução n. 707, de 8 de março de 1923);

PRAÇA DR. HEITOR PENTEADO — a praça inicial da futura Avenida Dr. Campos Sales, no cruzamento dessa avenida com as de Ligação e Rua Onze de Agosto;

PRAÇA DONA JÚLIA LOPES — o trecho da Praça Ramos de Azevedo, compreendido entre as Ruas Marquês de Três Rios, Saldanha Marinho e Dr. Silveira Lopes;

RUA IRMÃOS BIERREMBACH — antiga travessa do mesmo nome (edital de 12 de setembro de 1927);

RUA ALFERES PAULA NOGUEIRA — rua conhecida como Travessa Irmãos Bierrembach, que começa na Rua Irmãos Bierrembach e termina na Rua Olavo Bilac;

RUA DIOGO PRADO — antiga Rua Dioguinho (ato n. 25, de 29 de junho de 1931).

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1945.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA

Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,

ADMAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo).



## Decreto N. 94, de 1945

REVOGANDO O DECRETO N. 92, DE 13 DE MARÇO DE 1945

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. III, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

**D E C R E T A :**

Art. 1.º — Fica revogado o decreto n. 92, de 13 de março de 1945.

Art. 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação. Paço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1945.

**P. LEITE DE BARROS**

Prefeito Municipal, em Comissão

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1945.

O Diretor,  
**ADMAR MAIA**

Campos da Paz, distinta diretora do Colégio Progresso Campineiro. Das segundas núpcias do dr. Banho provieram oito filhos dos quais 3 nascidos em Bananal; 1 em São Paulo; 1 em Itapira; 1 em Campinas e 2 no Rio de Janeiro. Dêles eram vivos em 1944 e moravam em Bananal: Gilberto Banho, ali nascido e Humbertó Banho, nascido em Campinas à 20 de outubro de 1889. Ambos residiram no Rio de Janeiro (até 1944), tendo sido, respectivamente os 10.º e 12.º filhos do dr. Alves do Banho. O dr. Antônio Alves que recebeu o grau de doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formou-se em 20 de dezembro de 1853 e, entre os anos de 1877 e 1878 transferiu sua residência de Bananal para Itapira, então chamada Penha do Rio do Peixe. Não foi muito prolongada a sua estadia nesta última cidade (onde nasceu o seu 11.º filho, Dagoberto), pois que, na segunda quinzena de setembro de 1878 já se encontrava êle em Campinas. O dr. Antônio Alves do Banho, segundo informações que obtivemos, residiu em Campinas por duas vêzes, sendo que da primeira aqui chegou em setembro de 1878, quando a imprensa noticiou sua chegada para aqui fixar residência (26). Afirma a comissão de história do Centro de Ciências que não conseguiu obter dados precisos sobre a época de sua primeira saída de Campinas, nem de sua segunda vinda para cá. Contudo, quanto à primeira, podemos afirmar que, em 1881 êle já não estava aqui e quanto à segunda ocorreu no primeiro semestre de 1886. Como comprovantes temos: para a primeira, a notícia estampada no "Diário de Campinas", número 1.785, de 21 de outubro de 1881, na secção "Ecos e Fatos". "Chegou à esta cidade o sr. dr. Antônio Alves do Banho, facultativo que já em tempos residiu nesta cidade. S. S. veio passear alguns dias e está hospedado no Colégio Culto à Ciência, com seu cunhado, o dr. Campos da Paz"; para a segunda, o fato de ter êle exercido o cargo de médico do Hospital de variolosos, desde 5 de junho até 25 de novembro de 1886, conforme a sua própria afirmativa no officio lido em sessão da Câmara, de 3 de dezembro, datado dêsse dia, no qual comunicava o fechamento do Hospital por falta de doentes e que, nesse período, tinham sido tratados 53 doentes, dos quais faleceram 16, tendo 3 dêles entrado ali agonizantes. Passes seis meses de serviços parece que dois foram exercidos gratuitamente, porquanto o vereador Manoel Francisco Mendes, na sessão de 31 de agosto indicou que o Governô Provincial pagasse o dr. Banho à razão de 300\$000 mensais, a partir de 1.º dêsse mês, e êste, na sessão de 3 de dezembro requerêu o pagamento de 1:200\$000 pelos seis meses.

Nesse sentido podemos afirmar que encontramos nota em jornais antigos da cidade comprovando que o dr. Antônio morava em 1885 na Penha do Rio

## DR. ANTONIO ALVES DO BANHO

Algumas notas mais destacadas de alguns médicos foram coligidas pelo autor desta obra em publicações justificando denominações de ruas, como aconteceu no trabalho da comissão nomeada pelo Centro de Ciências, Letras e Artes para estudar pessoas que mereceriam placas com seus nomes em ruas campineiras, integrada pelo dr. Celso Silveira Rezende, sr. Celso Ferraz de Camargo e o autor dêsste trabalho. Assim, do dr. Antônio Alves do Banho, além das notas obtidas por essa comissão, integramô-las com outras conseguidas na imprensa antiga da cidade. O dr. Antônio Alves do Banho nasceu em São João del Rey, na Província de Minas Gerais, no ano de 1834, tendo sido filho de Antônio de Assis Alves do Banho e de d. Cândida Julia Dias do Banho. Fêz seus estudos primários e preparatórios em sua terra natal e, concluídos êstes, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se formou.

Depois de laureado veio para a Província de São Paulo, indo exercer clínica na cidade de Bananal, onde contraiu seu primeiro casamento, em 1.º de julho de 1854, com d. Maria Cândida Magalhães, filha do Alfêres João do Magalhães Couto e de d. Genoveva Maria de Magalhães, nascida na dita cidade. Do seu primeiro matrimônio provieram seis filhos, todos nascidos em Bananal, sendo que dêles apenas sobreviveu até 1944, pelo menos, a sua filha Bernardina Banho Rocha, respeitável senhora há longos anos residente na cidade de Itapira, neste Estado e que foi a quarta na ordem de geração. Enviuvando em 13 de dezembro de 1871, o dr. Alves contraiu segundas núpcias na mesma cidade de Bananal, aos 13 de maio de 1873, com d. Matilde Amélia Campos da Paz, natural dessa cidade e filha do Comendador Marcel Venancio Campos da Paz e de d. Amalia Carolina Fernandes Campos. Sua segunda espôsa era irmã de d. Ana Campos da Paz (a benemérita rematadora da igreja de S. Benedito) do ardoroso republicano dr. Artur Fernandes Campos da Paz, lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e do diretor de nosso Culto à Ciência, dr. Alfredo Campos da Paz. D. Matilde, d. Ana e o dr. Artur foram tios de d. Laura Campos da Paz que foi casada com o professor Luiz de Pádua Machado e de d. Flávia

do Peixe, ou seja Itapira, de onde se mudou para a Côte pouco se demorando ali, por razões que desconhecemos e que durante quatro anos, prestara êle serviços "gratuitos ao Hospital dos Lázarus", conforme noticia de 1890 do jornal "Diário de Campinas". Uma outra nota de 1886 afirmava que durante grave epidemia de variola que assaltara a cidade de Santa Bárbara naquele ano, o dr. Antônio Alves do Banho para lá se dirigira e vacinara para mais de 200 pessoas, sem nada cobrar", sendo de se notar, ainda, que, um ano antes, era vacinador municipal sem perceber remuneração alguma dos cofres municipais, o sr. Alberto dos Santos. O cargo, pois, era mais prestativo por parte de pessoas abnegadas do que mesmo remunerado, acreditamos que por falta de recursos do Município. Na segunda quinzena de setembro de 1878 o dr. Alves do Banho já estivera em Campinas hospedando-se em casa de seu colega, amigo, conterrâneo e concunhado, dr. Cassiano Gonzaga. Segundo o depoimento de pessoas que o conheceram, o dr. Alves do Banho era de estatura mediana, cheio de corpo (lebrando, no porte, o saudoso dr. Tomaz Alves) de tês moreno clara, barbado, usando, porém, a barba aberta no mento, tendo a conformação craneana braquicéfala o que fazia com que muitos o supuzessem nortista. Dotado de profundo saber, grande inteligência e agudo espírito de observação, era possuidor de admirável tino médico. Por êsses raros dotes que possuía os colegas da época o chamavam para esclarecer vários diagnósticos difíceis. E pelo seu rigor de ética profissional gosou sempre de sólido conceito. Além de clínico esclarecido era competente cirurgião.

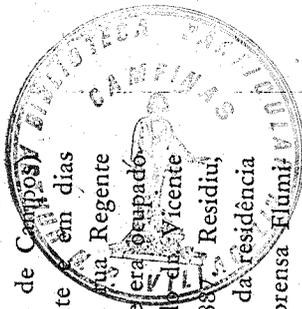
À princípio trabalhou com o dr. Cassiano Gonzaga, na Santa Casa, onde êste último era diretor clínico. Ambos ali fizeram intervenções de alta cirurgia, segundo noticiário dos jornais da época. O seu grande preparo e a sua notória probidade, o faziam constantemente ser designado pelas autoridades policiais para proceder à perícias médico legais nas quais, quase sempre, tinha por companheiro o saudoso dr. Germano Melche-t. Na época não existia o cargo de médico legista e os Delegados de Polícia, nos casos que se apresentavam, nomeavam profissionais de sua immediata confiança. Na segunda fase de sua estada em Campinas, que, pelo menos se prolongou até 1886 e fins de 1891, ou princípios de 1892, o dr. Alves do Banho aqui desempenhou diversos cargos médicos, de alta relevância e da direta confiança da Câmara Municipal e dos Governos Provincial e Estadual, todos êles afetos aos interesses da saúde pública. É de se notar que antes disso (30 de setembro de 1886), além de médico do Hospital de variolosos era êle, também, nomeado veterinário do Matadouro Municipal e, ainda nesse mesmo ano, fôra apresentado projeto de lei criando o cargo de médico

da Câmara, com os honorários de três contos de réis por ano, com a cláusula porém da pessoa que fôsse nomeada preencher as funções de veterinário, vacinador, escrivão, bem como exerceria, ainda, o cargo de médico gratuito que deveria tratar dos pobres aqui moradores, em seus domicílios, além de mais outras pequeninas obrigações. Parece que o projeto não passou de discussão entre os edis e não foi aceito, pois que em 11 de abril de 1888 tal emprego continuava vago, não tendo sido nomeado o inspetor de hygiene para representar a Capital da Província, como seu empregado na inspetoria.

O certo é que, a Câmara Municipal nomeou o dr. Antenor L. Ribeiro de Rezende para vacinador e êste aceitou, com condições, vacinando em sua residência das 9 horas da manhã em diante e às quintas e domingos em local central da cidade, que fôsse designado. Faria tudo de graça (6 de março de 1886). Era na data também médico do Hospital de variolosos e comunicara à edildade que naquêle nosocômio haviam entrado 17 bexiguentos, tendo morrido 4 de bexigas graves. Em 20 de março retornava à presença da Câmara êsse médico, afirmando que fôra dada como extinta a epidemia de variola que reinara naquêle ano, quando tudo não passava de mero boato, era tudo falso, pois que, o hospital ainda acolhia alguns doentes, afirmando mais que o "senhor fiscal tem sido para mim uma sombra nessa questão, esperando que a Câmara se guiasse pelas suas informações."

Quando retornou à Campinas foi o dr. Alves do Banho residir com sua numerosa família no prédio da rua América (dr. Bernardino de Campos esquina da rua das Flores (José Paulino), que posteriormente em dias de 1844 tinha o número 406. Foi depois morar na casa da rua Regente Feijó, situada bem em frente da General Câmara, junto ao que era ocupado pelo senhor João Morato Leite do Canto (João Verde) sógro do dr. Vicente Melilo e avô do Cônego Aniger Melilo. Isto por volta de 1880. Residiu, por fim no prédio da rua da Conceição número 690, anexo ao da residência do dr. Manoel Alexandre Marcondes Machado, na Praça Imprensa Fluminense. Tinha o seu consultório em 1877 na rua Regente Feijó, n.º 147.

O antigo Matadouro Municipal, onde o dr. Alves do Banho exerceu o cargo de veterinário creado por indicação do vereador Manoel Francisco Mendes, foi fundado em 1881 pelos srs. dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Francisco Glicério e Bento Quirino dos Santos era de uma empreza particular, a "Companhia Campineira do Matadouro Municipal". Foi êle encampado pela Câmara em 15 de julho de 1885 por 145.107\$135. Parece-nos, assim, que o dr. Alves do Banho foi o primeiro médico official e veterinário do antigo "Pelouro". Porque "Pelouro"? Por essa época e



até mesmo depois de proclamada a República, segundo informações obtidas de pessoas fidedignas e se depreende de notícia estampada no "Diário de Campinas" de 24 de julho de 1890, chamavam ao antigo Matadouro "Pelour". O nome, de origem popular, vinha dêsse antigo próprio Municipal outrora existente na actual Vila Industrial, no quarteirão onde se achava em 1944 a Chácara Pisani. Supomos que o povo, por analogia dêsse tronco com o pelourinho, começou a chamá-lo "pelouro", nome êste que, por sua extensão se estendeu ao Matadouro. Lembre-se no entanto de passagem que o primeiro matadouro público de Campinas situava-se na rua actual 11 de Agôsto, antiga de São João, onde se estão os escritórios da Companhia Mogiana de E. de Ferro. O certo é que, a plébe, que é quem crê a língua na sua sabedoria universal, acerta muitas vêzes, sem saber "por quê". De baixo latim "pilorium", segundo Littré, nos veio Pelourinho, e nos veiu, também, Pelouro, segundo Aulette. Du Cange, citado por Littré, afirma que "pilorium" provém de "pila ae," o pilar, coluna. "Pila ae" tinha, na língua latina, duas acepções inteiramente diversas: uma, no sentido de péla donde o pelouro, esféra, bola) e outra no sentido de "pilar", coluna, poste, Pilorium, no baixo latim, não significava sômente o lugar em que se jogava a péla, pois, pela segunda acepção de "pila, ae" de acôrdo com Du Cange, devia ser o poste de sacrificio.

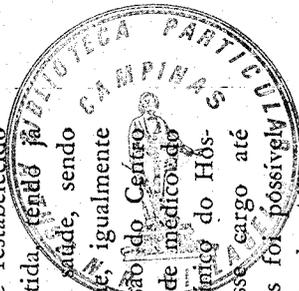
Depois dessa breve digressão que, aliás, é muito curiosa, voltemos ao nosso biografiado que, em 7 de março de 1889 tomou posse no cargo de Delegado de Higiêne, solicitado pelo dr. Ricardo em sessão da Câmara, havia algum tempo. No dia seguinte recebia-se aqui: officio do sr. Inspetor de Higiêne provando que o mesmo Alves do Banho era médico formado, constando seu nome da lista enviada pela Câmara campineira à Inspectoria, em São Paulo, onde não só estava seu nome, como também, de todos os médicos que naquela data ainda residiam em Campinas, com excepção dos drs. Vergílio Augusto de Araujo e Manoel de Moraes Barros que se ausentaram e do dr. Eduardo Guimarães, que se mudara posteriormente à data do envio da rol de médicos aqui residentes.

Quando a epidemia de 1889 já não era mais o terror dos campineiros, pois que passara, felizmente, a primeira tempestade sob os céus de Campinas, já o dr. Alves do Banho fora oficialmente nomeado médico da Câmara, para socorrer os enfêrmos indigentes e dirigindo todos os serviços da cidade no sentido higiênico, com o ordenado mensal de 300\$000, isso embora êle viesse prestando serviços gratuitos, com todo zêlo, inclusive recomendando doentes epidêmicos a dois prédios da Santa Casa local e no bairro do Guanabara. Sômente quando um de seus filhos ficou sêria-

mente adoentado em Itapira (Penha do Rio do Peixe) foi que o dedicado médico de nossa municipalidade foi obrigado a se ausentar daqui, indo socorrê-lo em sua casa na vizinha cidade, prometendo, no entanto, voltar ao seu pôsto logo que a situação lhe permitisse, "sendo grande a dedicação com que vem desempenhando seu cargo". Em seu lugar ficara (23 de abril) como médico da hygiene o dr. Luiz Felipe Jardim, que fazia parte da turma de facultativos que viera da Côrte sob a chefia do dr. Araujo Goes afim de socorrer a cidade, sofrendo, nêsse mês, as maiores calamidades produzidas pela febre amarela. Outra nota o dá como seu substituto ao dr. José Maria Pereira. Não foi feliz o denodado mineiro nessa visita àquela cidade pois que, caindo, também, doente foi obrigado a solicitar exoneração de seu cargo, onde se encontrava desde antes do início da tremenda epidemia, "esforçando-se em combatê-la da melhor maneira possível, sôzinho em seu setor, não se poupando à fadiga e sempre atendendo a tôda gente com grande solicitude" — segundo noticiava a imprensa.

Sômente em 19 de junho voltava êle, já completamente restabelecido à cidade de Campinas, que viera encontrar desolada e abatida, tendo já pedido demissão do officio de seu cargo por motivos de saúde, sendo substituído então, pelo dr. Alberto de Castro Menezes, que, igualmente dêle se retirou em 11 de maio de 1890. Escreveu a comissão do Centro de Ciências, que ao mesmo tempo em que exercia o cargo de médico do Matadouro, desempenhava, "gratuitamente" as funções de clínico do Hospital de Morféticos. Acreditamos que tivesse ocupado esse cargo até março de 1890. Por absoluta falta de documentos não nos foi possível averiguar por quem foi substituído. O recibo sob n.º 54, do dr. Alberto Sena, que examinamos no Arquivo da Prefeitura, já é de março de 1891, e é o primeiro que lá se encontra. Não cremos que o Hospital tivesse ficado sem médico durante um ano! Esqueceu-se, no entanto, a comissão que a febre amarela como que desmontou todo o sistema de arquivo e aparelhamento de papéis da edillidade durante todo um longo período em que a própria edillidade mudou sua sala de deliberações para Valinhos, onde se demorou até melhora do estado sanitário da cidade.

O Hospital dos Variolosos onde trabalhou o dr. Banho não era o actual barracão de madeira (já derrubado logo após 1944) situada na Avenida da Saudade, esquina da rua dr. Betim. O antigo Hospital de Variolosos, também chamado Hospício de Variolosos, construído em 1815, ficava, mais ou menos, onde estão actualmente os terrenos da S/A. Indústria de Sêda Nacional. O barracão da Avenida da Saudade e que era chamado "Lazareto do Fundão", sômente foi adquirido pela Câmara em 23 de outubro

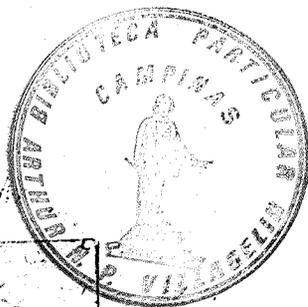


de 1890, da herança de Antônio Justino de Oliveira Raposo por 5:500\$000. Não nos foi possível apurar até que data o dr. Alves do Banho foi médico dos Variolosos (os documentos eram enviados ao Governo do Estado de São Paulo) mas, presumimos que tivesse deixado esse cargo ao mesmo tempo em que se retirou do Matadouro e do Hospital dos Morféticos, isto é, em março de 1890" — afirma a comissão. No entanto, pelo que apuramos, êle os deixou quando foi para Itapira a fim de atender seu filho, conforme escrevemos. Além dos serviços hospitalares mais tarde o dr. Banho ainda tratava dos doentes pobres, atacados de varíola, em seus domicílios, por conta da Câmara, à 10\$000 a visita, não somente na cidade, como nos distritos. Fazia, igualmente, o serviço oficial de vacinação, percebendo os honorários mensais de 50\$000. Não se sabe à época em que foi nomeado médico vacinador oficial. Mas, presume-se que desde novembro de 1866, fazia, espontânea e gratuitamente o serviço de vacinação à população na casa de seu consultório e residência, à rua América n.º 20, hoje, Bernardino de Campos, 871. Foi vacinador oficial até à data em que partiu para Itapira. Por ocasião da primeira e célebre epidemia da febre amarela, em 1889, o dr. Alves do Banho, embora não fizesse parte da notável comissão médica então organizada, aqui trabalhou, exaustivamente, em benefício da população, socorrendo os pobres e os ricos e aqui permaneceu sozinho, lutando sempre, até quando pôde. Mandou sua família para São João da Boa Vista e aqui ficou. A Câmara Municipal de Campinas, em reconhecimento aos relevantes e inestimáveis serviços então por êle prestados à população, conferiu-lhe a honrosa "Medalha de Ouro da Febre Amarela", assim como à dezenove outros sacerdotes de Hipócrates (além de estudantes de medicina), que, vindos do Rio de Janeiro, de São Paulo ou aqui residentes, se distinguiram pelos seus atos de humanidade, nessa quadra tão calamitosa. Essas medalhas foram mandadas cunhar no Rio de Janeiro, em 1889 e foram entregues em 1890. Na epidemia de 1890 ainda o dr. Banho prestou serviços à população, conforme se verifica do "Livro de Epidemia", de 1890 à 1892, existente no arquivo da Prefeitura Municipal. Por solicitação da Câmara Municipal ao Governo da Província, feita pelo seu Presidente José Paulino Nogueira, o dr. Alves do Banho foi nomeado delegado de Higiene de Campinas, em 7 de março de 1889. Na sessão de quatro dêsse mês e ano, a Comissão de Higiene, dando parecer sobre o officio do dr. Inspetor da Província, no qual autorizava a Câmara a indicar-lhe o nome de um médico capaz de exercer o cargo de Delegado de Higiene deste Município, foi de opinião que o dr. Antônio Alves do Banho preenchia todos os requisitos para o



desempenho do árduo mistér. Tendo ocupado o cargo até 1.º de março de 1890, quando solicitou a sua demissão, vê-se pelo confronto dessas datas que foi no período mais negro e calamitoso da vida da cidade e do Município que o dr. Banho teve de arcar com as responsabilidades de chefe da saúde pública. E é, preciso notar, ainda, que esse cargo era exercido sem remuneração de espécie alguma! Tão relevantes foram os serviços prestados pelo dr. Banho como Delegado de Higiene que a respectiva Comissão da Câmara, composta pelos saudosos dr. Tomaz Alves e Joaquim Ulisses Sarmento indicou que se solicitasse ao dr. Inspetor de São Paulo, honorários para o dr. Alves do Banho como retribuição pelos serviços prestados aos doentes de moléstias contagiosas. A Câmara, aprovando a indicação, reconheceu a justiça do pedido e providenciou com urgência. Em fins de 1891 (ou começo de 1892), depois de larga estada nesta cidade, onde lhe nasceu mais um filho, o dr. Antônio Alves do Banho transferiu sua residência para o Rio de Janeiro. Aí permaneceu por alguns anos. Presentindo que seu fim estava próximo, voltou à sua cidade natal, a sua querida São José D'El Rey, onde faleceu em 2 de junho de 1899. Assim foram, nas rápidas linhas acima, a vida e a atuação do dr. Antônio Alves do Banho na terra de Campinas. A sua ação, benfazeja e humanitária nos dias calamitosos que viveu a cidade e o Município não deve ficar olvidada pela geração atual" — termina o comentário da Comissão do Centro de Ciências Letras e Artes.

RUA DR. ALVES DO BANHO



ALVES DO BANHO, DR. — RUA  
(Antônio Alves do Banho)

Começa na Avenida das Amoreiras e termina na rua João Felipe Xavier da Silva, no BAIRRO DE S. BERNARDO.

A primeira denominação foi dada pelo Decreto n.º 92, de 13 de março de 1945, revogado pelo Decreto n.º 94 de 16 de maio de 1945. A denominação definitiva, foi dada pelo Decreto-Lei n.º 311, de 13 de novembro de 1945. Tem 15 metros de largura.

**DADOS BIOGRÁFICOS:** O Dr. Antonio Alves do Banho nasceu em São João D'El Rey, na então Província de Minas Gerais, em 1834, onde faleceu em 2 de junho de 1899. Era filho de Antonio de Assis Alves do Banho e de dona Cândida Júlia Dias do Banho.

Segundo o trabalho realizado pela Comissão Especial do Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas, formada pelos Srs. Dr. Celso da Silveira Rezende, professor Celso Ferraz de Camargo e João Batista de Sá (Jolumá Brito), o dr. Alves do Banho fez os seus primeiros estudos (primários e preparatórios) em sua terra natal, matriculando-se, a seguir, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, por onde se formou.

Formado, veio exercer a profissão na cidade de Bananal, neste Estado. Entre os anos de 1877 e 1878 transferiu sua residência para a cidade de Itapira, onde pouco permaneceu, pois na segunda quinzena de 1878, já se achava ele em Campinas.

Dotado de grande saber, grande inteligência e agudo espírito de observação, era possuidor de admirável tino médico. Por esses raros dotes, os colegas de sua época o chamavam, para esclarecer os diagnósticos difíceis que se apresentavam.

Trabalhou com o dr. Cassiano Gonzaga, na Santa Casa, onde fizeram intervenções de alta cirurgia.

Em 30 de setembro de 1886 ingressou para o cargo médico do Matadouro. Foi portanto, o primeiro médico oficial do Matadouro. Ocupou este cargo até 1.º de maio de 1890. Ao mesmo tempo que exercia o cargo de médico do Matadouro, desempenhava, gratuitamente, as funções de médico do Hospital de Morféticos. Foi, também, por muitos anos, médico do Hospital de Variolosos.

Prestou relevantes serviços por ocasião da epidemia de febre amarela, recebendo por isso, juntamente com outros dezenove médicos a "Medalha de Ouro da Febre Amarela".

Foi Delegado de Higiene, em Campinas, nomeado pelo Governo da Província a 7 de março de 1889.

ALAOR MALTA GUIMARAES



Começa na rua Moraes Navarro e termina na rua Leopoldo Amaral, na VILA MARLETA.

A primeira denominação foi dada pelo Decreto n.º 92 de 13 de Março de 1945, revogada pelo Decreto n.º 94, de 16 de Maio de 1945. A denominação definitiva foi dada pelo Decreto-Lei n.º 311, de 13 de novembro de 1945. Tem 10 metros de largura.

**Dados Biográficos:** — O jornalista Alvaro Villagelin nasceu em Campinas, aos 20 de Março de 1902, e faleceu em 19 de Maio de 1932, contando tão somente 30 anos de idade. Era filho de José Vilagelin (professor e jornalista, português) e de dona Josefina Rodrigues Vilagelin.

Fez os estudos primários no Primeiro Grupo Escolar (hoje Francisco Glicério) e o secundário no Instituto Cesário Mota.

Descendendo de família de jornalista, não escapou à atração, daí não concluir os estudos. Foi na imprensa local: repórter, noticiarista, revisor, redator do "Diário do Povo", da "Gazeta de Campinas", da Sucursal do "O Estado de São Paulo". Foi notável humorista.

Afeito à prática do bem, foi-lhe penosa a vida em face de outras atividades que lhe eram impostas, tais como o serviço militar, a participação no movimento revolucionário de 1924, e o próprio cargo de amanuense que exercia na Delegacia Regional de Polícia.

Dentro as várias passagens citadas pela ilustre Comissão Especial do Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas, eis uma significativa: "... No ambiente policial, iria Alvaro Villagelin encontrar, novamente, motivos de dor e de sofrimento moral. Certa feita o encontraram triste e pensativo, o que era raro naquela alma, que parecia somente viver para a alegria. A explicação desse seu estado não tardou. A polícia, no intuito de perseguir a jogatina, vinha prendendo operários que se dispersavam a jogar cartas, em botequins ou armazéns, após o jantar. Alvaro pensava que, enquanto esses operários eram identificados como vagabundos, os "gros bonets" de colarinho alto e gravata de seda perdiam as noites e contos de réis nos clubes, e ficavam impunes. Essa injustiça o entristecia e revoltava, mas ai dele!..., — era parcela da autoridade pública, e nada podia fazer..."

Alaôr Malta Guimarães